

Uma obra INESTIMÁVEL

por Cassiano Viana

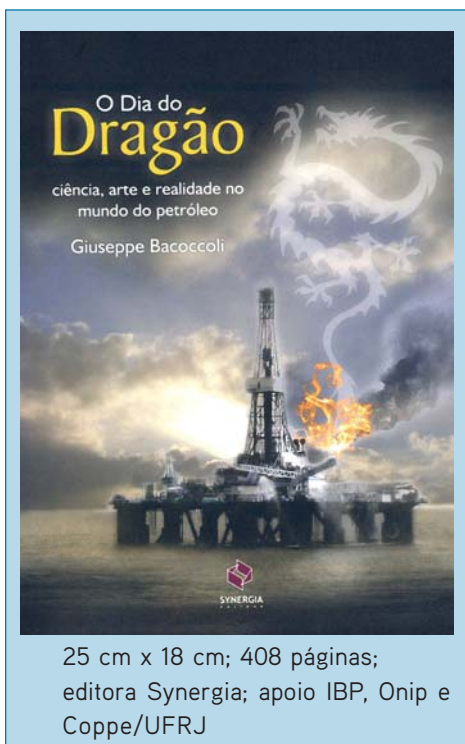
Com *O Dia do Dragão: ciência, arte e realidade no mundo do petróleo*, o geólogo Giuseppe Bacocoli, uma das personalidades da indústria do petróleo nacional, nos presenteia com toda a sabedoria adquirida em anos de trabalho e dedicação. Mais do que isso, deixa para um mercado que anseia por seus conhecimentos, um legado imensurável para futuras gerações.

A história do petróleo no Brasil é romanceada em 36 contos, dos quais 30 são narrativas de fatos reais, de quando o autor trabalhava diretamente envolvido nas atividades da Petrobras. Lançado em parceria com a Synergia Editora e com apoio institucional do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip), e Coppe/UFRJ, o livro reúne narrativas sobre a experiência de **Giuseppe Bacocoli** com Produção e Exploração de petróleo.

Trata-se de uma autobiografia, que retrata os fatos mais marcantes vivenciados pelo autor e faz uma análise minuciosa e reflexiva sobre o mundo do petróleo. "Italiano por nascimento, brasileiro por opção, geólogo por vocação e petroleiro por paixão", como resume na apresentação do livro, Bacocoli, 67 anos, é graduado em geologia pela UFRJ e atuou, durante 34 anos na Petrobras, onde trabalhou no primeiro poço exploratório marítimo do Brasil, situado no Espírito Santo. Desde o ano 2000, trabalha como Pesquisador Visitante do Programa de Recursos Humanos da Agência Nacional do Petróleo (ANP), junto à Coppe/UFRJ.

"Por sugestão dos colegas, resolvi escrever uma obra sobre a história da exploração do petróleo no nosso subsolo. Cheguei a pensar em escrever duas coletâneas: uma só de contos, outra só de ensaios. Pensando melhor, decidi, então, simplesmente misturar os dois", esclarece.

"O relato de 40 anos da história das atividades de exploração e produção *offshore* não poderia encontrar um narrador mais apropriado", afirma, na orelha do livro, o diretor-geral da Onip, Eloi Fernández y Fernández.





Crônicas do petróleo

Eis alguns trechos da obra:

“Com a filosofia exploratória de concentrar esforços nas bacias cretácias costeiras, multiplicou-se o número de sondas perfurando o Recôncavo Baiano. Com isso, antigos paradigmas foram superados e, em meados dos anos 60, novos e importantes campos foram descobertos, como Miranga e Araçás. Aqueles foram tempos de muitos testes de formação, operações especiais realizadas nos poços simulando sua entrada em produção, quando realmente os poços jorravam à superfície.

Por volta das onze da noite, o caminhão da empresa prestadora de serviços sai de sua base de operações na cidade de Catu, área central do Recôncavo Baiano. O destino, dessa vez, seria a Sonda 48 (...). O caminhão segue em baixa velocidade, na direção do técnico de testes de formação Jerry. Ao seu lado, o ajudante Frank, tentando ler um mapa com a ajuda de uma

lanterna, e um estagiário, já cochilando.

(...)

Com a velocidade reduzida, podem-se ver muitas formas fantasmagóricas e surreais, quando iluminadas pelos possantes faróis do caminhão. Vultos e sombras dos muitos animais silvestres de hábitos noturnos, olhos brilhantes, alguns avermelhados, como os do bacurau, agora voando assustado frente ao veículo.

“Ainda venho fazer uma caçada noturna em um lugar desses, vai ser uma barbada” – brinca Frank.

(...)

Aquecendo-se aos primeiros raios do sol, todos estão a postos na plataforma Sonda 48, olhando vez por outra os relógios. Pelas normas de segurança, testes de formação não poderiam se prolongar sem a luz do dia e, como poderiam ocorrer atrasos ou outros inconvenientes, melhor começar logo cedo. A ferramenta está montada no fundo, a mais de

dois quilômetros abaixo. (...) Acaba de circular mais uma rodada de café, tão ruim quanto o da madrugada. (...) São seis e quinze em ponto quando, com polegares levantados, decide-se começar a ação. (...)

A tubulação vibra, cada vez mais intensamente. Aumenta o ruído, estranho ruído crescente, cada vez mais próximo.

A mangueira começa a fazer borbulhas na água no balde. A linha de surgência estremece e sacode qual sucuri, no meio ao pasto. De repente, cobre-se por uma fina camada esbranquiçada de gelo. ‘Não ponham a mão sem luva na linha de surgência, se não quiserem perder a pele’. Alerta, gritando, Jerry. O ruído já é quase o de uma turbina.

Da plataforma, Bispo faz o sinal para Raimundo. Este se benze e, com toda a calma, dá alguns passos e aproxima a tocha da boca da tubulação. Com fulgor instantâneo e breve explosão, surge uma imensa chama amarelada a esbranquiçada, quase sem fumaça, emitindo um calor tão intenso a ponto de sentir-se na plataforma.

(...)

No meio do pasto, o velho Raimundo se afasta lentamente do inferno de chamas, benze-se novamente e murmura: ‘Este é dos grandes! O dragão está querendo se mostrar... E olha que a besta está com uma corrente grossa no tornozelo. Se não estivesse, não ia sobrar nada aqui. Nem de nós, nem da Sonda 48, nem da velha fazenda aí no topo do morro. O sol está mais alto, mas só parece sentir-se o calor das chamas, mesmo que vindo de longe’...